

A CÚPULA DO MERCOSUL EM MONTEVIDÉU, A UNASUL E A DECISÃO INTELIGENTE.

Por Profa. Guilhermina Coimbra

...“No puedo hacer todo, pero puedo hacer alguna cosa. Y por no poder hacer todo, no me rehusaré a hacer el poco que puedo ...” (Edward Everett Hale, Clérigo e Escritor norte-americano, 1823-1909).

O governo brasileiro inteligente tem que impulsionar o MERCOSUL e não colaborar para que acabem de vez com o processo de integração do MERCOSUL, UNASUL. Inexiste aliança inteligente fora do Atlântico Sul, o que existe e continuará a existir sempre será a aliança para a subordinação, a aliança para a cooperação - desde já se entendendo subordinação como aquela na qual o Brasil se submete, nos acordos plenos de cláusulas abusivas, cláusulas leoninas e anti-concorrenciais, acordos maravilhosos para os lobistas e representantes de interesses alheios aos do Brasil, que conseguirem convencer (?) os signatários a assiná-los em nome do Brasil. Vale dizer: cujos ônus, prejuízos serão cumpridos pelos residentes no Brasil.

O MERCOSUL E A UNASUL não podem se deixar ficar na mira de ataques encarniçados que têm o objetivo óbvio de explodi-los. O MERCOSUL E A UNASUL não podem ser as atuais cobaias de experiências já testadas na Aliança para o Progresso e que deram no que deram, com enormes prejuízos para os países da América do Sul. Notadamente o Brasil, por ser o país de maior potencial a oferecer aos que tentam perseverantemente continuar enriquecendo a custa de péssimos acordos internacionais, firmados por péssimos plenipotenciários, com a desculpa de que foram “pressionados”. Divulgar as pressões é preciso.

Derrotar as manobras secretas para implodir o projeto de integração exigirá, da mesma forma como ocorreu com a Aliança para o Progresso, de toda a firmeza e inteligência dos movimentos sociais, das forças políticas e dos governos sul-americanos **inteligentes** - em diversos graus. A população do Brasil e a população dos países da América do Sul é inteligente. Não se deixa iludir, nem induzir, nem acreditar novamente em absurdas teses e promessas mirabolantes cujo objetivo é único e perseverante: se apossar dos bens públicos dos Estados da América do Sul das minas e dos minérios geradores de energia que jazem no subsolo dos Estados sul-americanos: hidrocarbonetos (petróleo e gás) e nucleares (urânio, nióbio, lítio, berilo e outros).

Entender o contrário será outra fenomenal derrota para as populações da América do Sul. Impressiona a indecisão do Governo brasileiro relativa ao papel que deve - por dever de ofício - desempenhar no projeto de integração da América do Sul. O Governo do Brasil tem que se posicionar, porque dele depende a descontinuação do estado de miséria crítica, de subdesenvolvimento e de ausência de infra-estrutura, com as quais têm convivido as populações dos Estados da América do Sul. Sem a menor pretensão de liderar, o Brasil lidera - por ser um dos maiores países e de maior potencial a oferecer - os demais Estados sul-americanos, que aguardam decisão **inteligente** do governo do Brasil.

Em Brasília, o Governo do Brasil não pode se deixar seduzir pelo “canto de sereia” de país algum fora do Hemisfério Sul-Americano, o qual, costumeiramente encanta os lobistas e representantes de interesses que não são os interesses das populações da América do Sul. O Governo do Brasil não pode subestimar e jogar fora o processo integracionista sul-americano. Copiar o que está dando certo não é desdouro. Exemplo de integração e de união que faz a força é a União Européia, na

qual arqui-inimigos se uniram pelo bem comum.

Há que se dismantelar o trabalho perseverantemente realizado pelos interesses contrários à integração sul-americana, na política e na diplomacia do Brasil. Em extensa reportagem ao jornalista Paulo César Pereira, revista Veja, os brasileiros tomaram conhecimento expresso sobre a posição de um de seus representantes no Itamaraty.

A primeira pergunta formulada pelo jornalista foi a seguinte: "Em todos os seus anos como diplomata profissional, que imagem tem dos Estados Unidos?" A resposta assombrosa foi: "É difícil falar de maneira objetiva, porque tenho um envolvimento emocional (sic!) com os Estados Unidos através de minha família, de minha mulher e de sua família. Existem aspectos da sociedade americana que admiro muito". Tratando-se de um diplomata do tradicionalmente independente Itamaraty, no que concerne à defesa do interesse nacional brasileiro e de suas instituições - MERCOSUL, UNASUL - que tem, por dever de ofício, de participar ativamente na promoção da autodeterminação dos países da América do Sul, a resposta enseja o comentário seguinte: "Nós também - os brasileiros de bem - amam a solidariedade, a organização, a funcionalidade e o respeito ao próximo, do ordeiro povo norte-americano. Mas., este amor - demonstrado e reconhecido pelos governantes deles, relativamente ao consumismo dos brasileiros -- não impede que os brasileiros pensem, existam e exijam respeito, a um dos maiores empreendimentos nos quais, juntamente com os sul-americanos se unem: o MERCOSUL, a UNASUL".

Não dá mais para acreditar que o futuro do Brasil passa por uma íntima associação com um único parceiro, esquecendo os vizinhos sul-americanos. O Brasil é sócio de sócios diversificados, não pode subestimar nem esquecer os seus vizinhos sul-americanos. A união faz a foga e nos seus negócios - **sem intermediários** - com a Europa, a Ásia e a África, a união mostrará a força que detém. Essa corrente - ainda não inteligentemente hegemônica em Brasília - terá que sê-lo, porque a questão é de sobrevivência das populações sul-americanas, não é questão de sobrevivência dos interesses imediatistas comissionados de lobistas e representantes brasileiros ou estrangeiros.

A política diplomática brasileira sempre foi considerada e respeitada. Uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU não pode ser entendida como uma barganha inteligente, porque **não** é: vai privilegiar a vaidade de um ou outro representante brasileiro que estará ocupando o lugar pra dizer **amem**, às reivindicações dos demais Membros do Conselho. Há que se inteligentemente não se deixar envolver pelo trabalho eficiente e perseverantemente feito há tempos - no qual se notam êxitos consideráveis - sobre a direção **política, diplomática e militar** do Brasil para que modere sua intervenção nesses processos. Os brasileiros percebem e rechaçam tais manobras, todas tendentes a prejudicá-los, enquanto privilegiam representantes e lobistas das referidas áreas.

A Índia e o Paquistão (duas potências atômicas) a Indonésia (a maior nação muçulmana do mundo) o Egito, a Nigéria (país mais povoado da África) e o Japão e a Alemanha, conformam-se - sem maiores reivindicações e cobiças - em manter seu **status** atual de membros transitórios desse organismo. Fácil imaginar, o que não é improvável de acontecer, caso ocorressem sérias diferenças entre o Brasil e os ora tentam perseverante acabar com o MERCOSUL e a UNASUL, na disputa:

- pelo acesso a alguns minerais estratégicos que se encontram na Amazônia; ou pelo petróleo do pré sal;

- ou o cenário do "caso pior" se Brasília decidisse não acompanhá-los em uma aventura militar encaminhada a produzir "uma mudança de regime" em algum país da América do Sul ou do Caribe, replicando o modelo utilizado na Líbia ou o que está empregando a ferro e fogo na Síria.

A represália ao "Brasil-aliado desleal", que renuncia a cumprir com seus compromissos, seria a mesma que se aplicou à Venezuela e o Brasil ficaria indefeso. São hipóteses, mais do que prováveis: porque, se houver a possibilidade zero de ocorrerem elas ocorrerão. Isto obriga que as duras realidades comecem a ser discutidas publicamente e que as populações da América do Sul comecem a discernir com clareza onde estão seus amigos – consumismo e turismo a parte, evidentemente – política de Estado é o que se quer para os Estados da América do Sul.

Não há como o Governo do Brasil ignorar ensinamentos, do Preâmbulo da Constituição Norte-americana, e nem o de John Quincy Adams (sexto presidente do país norte-americano) sobre o fato de que "Estados não tem amizades permanentes, Estados têm interesses permanentes". O tempo urge. Se perder a oportunidade, a América do Sul sucumbirá e será eternamente aquele injurioso quintal dos demais Continentes. A hora é esta, na qual estão todos reunidos em Montevideú e esta é a vez da América do Sul. Há que se terminar com as crônicas vacilações.

O Brasil, a América do Sul, unidos no MERCOSUL e na UNASUL merecem respeito.

*** O texto publicado não reflete necessariamente o posicionamento do IAB**